

C) TAREFAS PRIORITÁRIAS DA LEXICOGRAFIA PORTUGUESA

1. Defeitos e Deficiências dos Dicionários Portugueses

*Clovis B. de Moraes*

*UNESP (Araraquara)*

Os dicionários vem despertando nosso interesse desde o tempo dos bancos escolares. Por isso, em 1963-1964, trabalhamos cerca de dois anos no Departamento Editorial de W. M. Jackson Inc., revisando dicionário quase seis horas por dia.

Mas o interesse e a prática por si sós não são suficientes para um trabalho mais profundo, de modo que mais recentemente fizemos um estágio em Paris, proporcionado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), tendo entrado em contato principalmente com a professora Josette Rey-Debove, que, juntamente com seu marido, o professor Alain Rey, trabalha há vinte e cinco anos nos dicionários Robert.

O consultor da FAPESP solicitou que disséssemos de que forma poderíamos produzir dicionários melhores que os existentes.

Podia-se afirmar, como de fato se afirmou, que até uma época relativamente recente o Brasil estava muito mal equipado em matéria de obras de referência. O tempo passou, muita coisa tem sido feita, e de algum tempo a esta parte a situação tem incontestavelmente melhorado. Todavia, conquanto pessoas de notório saber se tenham dedicado ao aperfeiçoamento dessas obras, existem ainda graves problemas e lacunas enormes.

Alguns povos têm dicionários magníficos porque podem investir grandes somas de dinheiro em projetos lexicográficos, com certa garantia de que o capital retorne: ingleses e franceses compram dicionários de suas línguas, mas muitos outros povos também os adquirem, de modo que a saída dessas obras é praticamente segura.

Antigamente os dicionários eram redigidos por uma só pessoa ou por um grupo de homens de boa vontade mas sem preparação especializada. Estão no primeiro caso os trabalhos de Moraes e Cândido de Figueiredo, e no segundo o Dicionário Contemporâneo de Caldas Aulette.<sup>1</sup> Hoje, porém, só se concebe que uma obra séria seja elaborada por equipes de lexicógrafos especializados, com preparação linguística - coisa muito difícil de conseguir no Brasil.

Para melhorar a lexicografia luso-brasileira precisamos, portanto, de equipes de lexicógrafos especializados e de financiamentos. Na prática precisamos:

1. Elaborar tipos de dicionários de que não dispomos.
2. Fazer um levantamento de lacunas, deficiências, enganos, defeitos dos dicioná-

rios existentes, a fim de que não apareçam em trabalhos futuros.

Aqui não discutimos os tipos de dicionário. Limitamo-nos aos defeitos e deficiências dos dicionários existentes. Lembramos apenas de passagem a distinção - porque vamos precisar dela - entre dicionário de língua, enciclopédia e dicionário enciclopédico. Em sentido estrito, o dicionário de língua é o que pode vir enriquecido com informações sobre o signo, mas não deve apresentar informações enciclopédicas sobre a coisa definida. Insistindo numa distinção nítida entre dicionário de língua e dicionário enciclopédico, não se quer condenar nem menosprezar a importância e a utilidade de dos dicionários enciclopédicos e das enciclopédias, o que seria insensato. O que se condena é a mistura, a confusão de gêneros, a incoerência que resulta disso. Nem mesmo negamos o proveito de pequenas explicações sobre a coisa definida num meio pobre como o nosso. Bastaria que se acrescentasse ao título do dicionário de língua a observação: "Com informações enciclopédicas."

Os defeitos dos nossos dicionários podem ser indicados na seguinte lista: incoerência (mistura de gêneros); ausência de indicação da pronúncia; falta de indicação sistemática de irregularidades morfológicas; ausência de explicitação dos níveis de linguagem, da frequência, da datação de formas e sentidos; redação muito deficiente dos verbetes de morfemas dependentes; erros tipográficos; inclusão de variantes.

Muita gente tem a ilusão de que a nossa ortografia representa fielmente a pronúncia do português, quando na realidade ela é em parte fonológica e em parte etimológica. Daí a tentação de muitas pessoas quererem "pronunciar o que está escrito" - erro palmar que tem conseqüências desastrosas. Na realidade nossa ortografia dá margem a uma série grande de hesitações e incertezas, que só podem ser eliminadas com o recurso à transcrição fonética. Nossos dicionários trazem informações casuais sobre a pronúncia de uma ou outra palavra, o que constitui uma precariedade muito inconveniente, pois muitos querem saber se se deve dizer acervo ou acêrvo, dêstra ou dêstra, êstra ou êstra, labarêda ou labarêda, obsoletô ou obsoletô, canhêstro ou canhêstro, subzistir ou subcistir, deflucso ou deflusso, sintacse ou sintasse, rapzôdo ou rapçôdo, etc., etc.

Os dicionários portugueses não são sistemáticos na apresentação de flexões irregulares. A falta dessa indicação não é um defeito, visto tratar-se de matéria claramente gramatical. Uma vez, porém, que o dicionarista inclui essas informações (e elas são realmente úteis e oportunas), é preciso que o faça com segurança e sensatez. Um autor, por exemplo, nada nos diz a respeito do plural de escrivão, tabelião, tecelão, mas admite barbaridades como sacristãos, charlatões, anãos, faisães, vulcãos.

Nota-se também a ausência da indicação sistemática do registro da palavra (popular, familiar, culta, literária) e da frequência (pouco usada, desusada). Nessas condições a obra só é útil, e em outro sentido, a quem já conhece a língua. Quem não conhece, fica sem conhecer. É que se supõe, tacitamente, que os falantes sabem distinguir perfeitamente bem uma palavra familiar de outra culta ou literária. Em geral os usuários da língua possuem certa intuição que os guia mais ou menos bem no uso das palavras. Mas essa competência varia extraordinariamente de pessoa a pessoa, é inteira

mente imprevisível, e nem sempre é segura. É necessário que o dicionário seja claro e explícito em cada um de seus verbetes. Os estrangeiros que estudam português têm, especialmente, grandes dificuldades na escolha de palavras, e às vezes provocam hilaridade entre seus ouvintes por usarem palavras populares numa conversa séria em ambiente fino.

Quem examina cuidadosamente os nossos dicionários fica atônito com a abundância, a superabundância de formas paralelas, variedades, variação, variantes de palavras. Se se trata de formas estranhas de palavras conhecidas, formas antiquadas, desusadas, populares ou típicas de algum escritor exótico, é natural que não mereçam entrada no léxico normal da língua. Quem não conhecesse o português teria a impressão de que nosso idioma se encontraria numa fase de formação, ainda instável.

Um trabalho imenso, que ainda precisa ser feito para o português, é o da datação de palavras e de sentidos diferentes duma mesma palavra. O Instituto Nacional do Livro publicou muitos textos antigos com o levantamento dos respectivos vocabulários. É indispensável que esses levantamentos continuem sendo feitos, até chegarmos a uma situação satisfatória.

O tratamento que nossos dicionários dão aos morfemas dependentes é muito precário, com deficiências e às vezes com erros crassos. Estamos novamente num campo nitidamente gramatical, mas que pode perfeitamente ser transferido para o dicionário, com grande proveito para os consulentes.

Outra melhoria que se poderia fazer em nossos dicionários seria o aumento de sua nomenclatura. Poucos acréscimos nuns casos (como no Dicionário de Verbos de Fernandes), muitos em outros (como no dicionário de helenismos de Ramiz Galvão, cuja nomenclatura de 15.000 palavras poderia ser duplicada). Ao mesmo tempo é necessário efetivar uma imensa poda de palavras e significados mortos, desusados, ou francamente errados.

A apresentação gráfica talvez seja uma questão "de cozinha", e praticamente inexistente em dicionários franceses e ingleses, mas infelizmente presente, ainda, nos nossos dicionários. Um caso escandaloso, por extremo, é o da 10ª edição do Dicionário de Moraes, publicado em Lisboa de 1949 a 1959. Os volumes estão inçados de enganos, erros, inversões, lapsos, cochilos, erros de paginação, quebra da ordem alfabética, e confusões mais sutis que às vezes não enganam os experientes mas confundem os principiantes.

#### Estudo Comparativo dos Dicionários de Moraes, Aulete, Nascentes e Aurélio Buarque.

Como normalmente a experiência precede a teoria, assim também a elaboração de dicionários precedeu o surgimento da disciplina que estuda os dicionários e as técnicas e métodos de elaborá-los.

Durante cerca de quinhentos anos se redigiram dezenas de milhares, ou certamente centenas de milhares de dicionários, mais ou menos às escuras, sem que seus

autores pudessem dispor de bússolas, astrolábios ou tratados e cartas de navegação que os guiassem nessas difíceis viagens através das palavras.

O incômodo de tatear no escuro na realização de trabalhos lexicográficos é que levou a professora Josette Rey-Debove a redigir o seu Estudo Lingüístico e semiótico dos Dicionários Franceses Contemporâneos, no qual estabeleceu bases seguras para o exame crítico de dicionários.<sup>2</sup>

#### Justificação da Escolha dos Quatro Dicionários.

Pareceu-nos que os trabalhos de Morais, Aulete, Nascentes e Aurélio Buarque eram os que apresentavam qualidades que os tornavam merecedores de um exame comparativo.

Os léxicos de Morais e Aulete são reconhecidos como os mais importantes do português e sua escolha era, pois, obrigatória.

A obra de Aurélio Buarque, a mais recente das quatro, foi realizada pelo autor de um Pequeno Dicionário que durante trinta anos teve uma grande divulgação no Brasil. Em razão do sucesso do Pequeno Dicionário e da fama do autor, o Novo Aurélio foi bem recebido pelo público. Seus maiores defeitos são o papel e o tamanho. As folhas são muito finas e muito grandes (21x27,5 cm) e se dobram e se amassam com facilidade; a encadernação, fraca demais, desfaz-se com pouco tempo de uso.

Talvez seja necessário explicar a exclusão do dicionário de Cândido de Figueiredo e a inclusão do de Antenor Nascentes.

O primeiro, publicado em dois volumes em 1899 (dezoito anos depois do Aulete), gozou durante muito tempo da fama de possuir a maior nomenclatura dos dicionários portugueses. Mas apresentava defeitos, e não tinha a rica coleção de frases e expressões que caracteriza o dicionário de Aulete. Figueiredo publicou quatro edições de sua obra, até sua morte em 1924. Outras pessoas continuaram a publicação de edições sucessivas até a 15ª, sendo as entradas novas assinaladas com um asterisco. A preocupação de apresentar uma nomenclatura riquíssima levou Figueiredo a aceitar regionalismos de reduzidíssimo interesse, formas exóticas e grafias diferentes duma mesma palavra (neste caso para satisfazer a gregos e troianos, num momento em que os portugueses aceitavam bem a simplificação da ortografia enquanto que os brasileiros em geral reagiam contra ela). Desse modo a obra acolhe physica e física, chimica e química, hymno e hino, psalmo e salmo, idiosyncrasia e idiosincrasia.

O dicionário de Nascentes foi escolhido por razões diferentes. O autor publicara em 1932 o primeiro dicionário etimológico português, e em 1952 o único dicionário etimológico de nomes próprios; um dicionário de sinônimos; um dicionário de gíria brasileira; um pequeno tesouro de frases e expressões portuguesas e brasileiras; um pequeno dicionário escolar bastante interessante. Algumas das características de Nascentes são a simplicidade, a sobriedade, moderação, prudência; não se deixa seduzir pela tentação de apresentar nomenclaturas copiosas, mas escolhe com critério e finura. O dicionário que escolhemos não parece um cemitério de palavras mortas ou desusadas.

Sua nomenclatura é, pois, a menor dos quatro dicionários escolhidos. É o único que recorre à transcrição fonética moderna e sistemática. É preciso reconhecer que o dicionário de Nascentes não é muito conhecido, e que sua única edição, publicada a expensas do estado, se esgotou logo. Diz-se que se tratava de um projeto, de uma sugestão de trabalho, que acabou sendo publicada tal qual. Em todo caso o prestígio de publicação oficial poderia permitir-lhe resolver alguns problemas, e assegurar-lhe um lugar importante entre os dicionários da língua.

#### Características e Conteúdo dos Dicionários.

Antônio de Moraes Silva, Grande Dicionário da Língua Portuguesa. 10ª edição, revista, corrigida, muito aumentada e modernizada por Augusto Moreno, Cardoso Junior e José Pedro Machado. Lisboa, Editorial Confluência, 1949-1959, doze volumes, ortografia de 1945.

Volume I: Prólogo do Autor à Primeira Edição (1789): pp. 9-10.

Ao Leitor Benévolo (2ª edição, 1813), p.11.

Prefácio da Presente Edição (1948): pp. 13-6.

Antônio de Moraes Silva - Notas Biográficas: pp. 19-26.

Algumas Opiniões Sobre o Dicionário de Antônio de Moraes Silva: pp. 29-31.

Tábua das Abreviaturas: 35-40.

Texto (Ā-Armadas): pp. 43-1115.

Colofão.

Volumes I-XI: Texto.

Volume XII: Epítome da Gramática Portuguesa por Antônio de Moraes Silva: PP. 7-76.

A Ortografia Oficial (1945): pp. 77-120.

Vocabulário de Palavras e Frases Latinas e Estrangeiras (Atualizado e Aumentado): pp. 121-98.

Vocabulário Onomástico: pp. 199-298.

Vocabulário Comum (ortográfico) com esquema de conjugação dos verbos ir regulares: pp. 299-847.

Abreviaturas: pp. 849-56.

Adenda de Novos Vocábulo e Sentidos Novos em Vocábulo Registrados, incluindo uma corrigenda aos vols. I a XI: pp. 857-1087.

Adenda e Corrigenda dos Vocabulários: pp. 1089-98.

(Nota final, sem título): p. 1099.

Colofão.

Francisco Júlio Caldas Aulete, Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. Edição brasileira (4ª), atualizada, revista e consideravelmente aumentada pela

introdução de vocábulos em uso no Brasil, pelo registro completo dos termos técnicos e científicos e pela averbação sistemática dos etimos, por Hamílcar de Garcia. Rio de Janeiro, Editora Delta, 1958, cinco volumes.

Volume I: Nota dos Editores.

O que vale o Dicionário Contemporâneo de Caldas Aulete, por Antenor Nascentes.

Origem e Evolução da Língua Portuguesa. Idem.

Expansão da Língua Portuguesa no Brasil. Idem.

A Pronúncia Normal Brasileira da Língua Portuguesa. Idem.

Prefácio. Hamílcar de Garcia.

Alguns dos Autores e Obras Citados.

Lista das Abreviaturas.

Não se reproduzem os prefácios das edições anteriores: a 1ª saiu em 1881, a 2ª em 1925, a 3ª em 1945, todas em dois volumes e sem ilustrações.

Volumes I-V: Texto (na ortografia brasileira de 1943).

Aurêlio Buarque de Holanda Ferreira, Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 1ª edição. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1975, um volume.

Nota da Editora.

Índice e Prefácio.

Formulário Ortográfico de 1943.

Lei nº 5765, de 18 de dezembro de 1971.

Nomenclatura Gramatical Brasileira.

Abreviaturas, Siglas e Sinais Convencionais.

Texto.

Bibliografia.

Colofão.

Antenor Nascentes, Dicionário da Língua Portuguesa. Edição única, em nome e sob os auspícios da Academia Brasileira de Letras. Elaborado a seu pedido por Antenor Nascentes em 1943. Publicado em 1966. Quatro volumes.

Prefácio do Presidente da Academia.

Relação dos Membros Efetivos da Academia.

Parecer acerca do Dicionário por dois relatores da Academia.

Exposição apresentada por Antenor Nascentes.

Abreviaturas.

Sinais usados na transcrição fonética.

Texto (na ortografia de 1943).

### A Data e o Tamanho dos Dicionários.

É necessário que as datas de publicação dos dicionários examinados não sejam muito distantes umas das outras, a fim de que as respectivas nomenclaturas sejam comparáveis.<sup>3</sup>

Seria mais exato dizer "data de elaboração", para prever o caso de algum dicionário que teria ficado engavetado muito tempo antes da sua publicação. Situação, de fato, inteiramente excepcional, mas que aconteceu justamente com um dos trabalhos escolhidos - o de Antenor Nascentes - publicado vinte e três anos após a sua redação.

Como dois dos dicionários eram mais antigos (o Moraes e o Aulete), preferimos as edições modernas, revistas, atualizadas, aumentadas, as quais os tornam, por isso, mais comparáveis com os outros dois léxicos escolhidos.

O problema da data existe também para a publicação de um grande dicionário. "Se o projeto do dicionário é uma descrição atual da língua, é preciso que o período que separa a confecção dos artigos do início (A) e a dos artigos do fim (Z) seja o mais curto possível. Sem o quê, a última parte do dicionário é atual, mas a primeira desatualizada, e às vezes envelhecida de dez ou vinte anos, e até mais. Ora, o léxico muda muito sensivelmente em dez anos (donde a publicação de suplementos)."<sup>4</sup>

Só o trabalho conjunto de uma equipe bem treinada e homogênea consegue levar a cabo, rapidamente, a publicação de um dicionário muito grande.

No Brasil talvez o problema não seja tão agudo assim. O público não parece ser tão exigente em matéria de atualização de dicionários, nem está muito habituado a consultar obras de dez ou mais volumes. E o que faz o léxico de uma língua mudar muito sensivelmente no decorrer de uns poucos anos é, naturalmente, uma efervescência intelectual, que aliás nunca caracterizou os povos de língua portuguesa; daí o fato de o português ser, no tempo e no espaço, uma língua bastante uniforme.<sup>5</sup>

Outro problema é o do tamanho dos dicionários, porquanto de certo modo não há sentido em comparar um dicionário grande com outro pequeno. É necessário que a diferença entre eles não seja muito grande, observando-se, porém, que o volume real e o número de páginas por si sós não são significativos, visto que o tamanho das letras, o conteúdo dos artigos, a espessura do papel podem variar extraordinariamente.

O que contribui para a diferença de tamanho dos dicionários é a presença ou ausência de exemplos. A maior abundância de citações encontra-se na última edição do Moraes; o mais "enxuto" é o de Nascentes, sem exemplo nenhum.

### CARACTERÍSTICAS E CONTEÚDO DOS DICIONÁRIOS

Embora tivesse escolhido cinco dicionários franceses para a sua análise, M<sup>me</sup>. Rey tomou três deles, quase exatamente contemporâneos, para comparar o conteúdo das respectivas macro-estruturas e a escolha das entradas. (*Étude*, p. 78) Obteve assim um total de 660 entradas diferentes (soma das entradas diferentes do *Petit Larousse*,

Petit Robert e Dictionnaire du français contemporain) para as palavras iniciadas por ba-, como uma amostra de nomenclatura.

Tendo resolvido contar também as palavras em ba-, tivemos logo de início uma grande surpresa, porque a nomenclatura do Aulete, menor que a do Morais, apresentava cerca de 2500 entradas, 3,7 vezes mais que a soma das entradas diferentes dos três dicionários franceses! Como isso tornaria o trabalho excessivamente grande, limitamo-nos às palavras em bai-, que vão até baixura. Obtivemos os seguintes resultados:

Morais	Aulete	Aurêlio	Nascentes
1330	687	477	315

As diferenças parecem muito grandes, principalmente se compararmos o primeiro com o último, quatro vezes menos "rico". Neste caso, porém, os números absolutos são enganosos.

Embora o Morais seja famoso e muito bom, a 10ª edição apresenta defeitos graves. Nessa questão particular do tamanho da nomenclatura, é preciso observar que:

- os nomes de povos aparecem no singular e no plural, em entradas diferentes: Baber / Baberes, Babuendi / Babuendis. Outras palavras só aparecem no plural, como Babosos, "gênero de peixes acantoptérgios."
- as diferentes regências dos verbos contam com seu lugar à parte (o que aliás já acontecia com a 9ª edição, de fins do século passado): Babar intr.; Babar-se.
- são incluídas as variantes gráficas antigas eliminadas pela ortografia oficial: Babão, Babau, Babucha / Babuxa.
- aparecem também nomes próprios.
- expressões feitas são registradas como simples palavras: Bacharel formado, Bacia carbonífera, Bacia de barbeiro, etc.

Elaborando os dados, devemos acrescentar às 1316 entradas do texto, 14 entradas que vêm no apêndice, o que nos dá o total apresentado acima de 1330 entradas. E tiraremos 9 entradas que foram eliminadas no apêndice, 114 variantes, 2 nomes próprios, 48 plurais, 11 regências verbais e 62 expressões, num total de 246, o que nos leva a um resultado final de 1084 entradas (1330 - 246).

Por motivos semelhantes devemos subtrair 47 entradas do Aulete, o que nos deixa um total de 640.

Morais	Aulete	Aurêlio	Nascentes
1084	640	477	315

Aqui vamos apresentar apenas um exame das diferentes espécies de entrada, sem darmos as listas de palavras próprias à nomenclatura de cada um dos quatro di



cionários, o que constituiria um trabalho muito grande. No nosso caso essa contagem se torna particularmente difícil porque uns autores dão vários sentidos a uma mesma palavra (considerando-a, portanto, polissêmica), enquanto que outros separam esses sentidos em outras tantas palavras (considerando-as, pois, homônimas).

Certas questões podem parecer ociosas, mas preocupam os gramáticos e lingüistas, e devem ser levadas em consideração pelos lexicógrafos.

Devem os aumentativos e diminutivos fazer parte do artigo da palavra no grau normal, ou devem aparecer como palavras independentes? Se considerarmos que nem todos os substantivos possuem diminutivo, e menos ainda aumentativo, verificamos que a categoria de grau não é geral e sistemática na língua, como a de número, gênero, pessoa, etc. O mesmo se pode dizer dos superlativos. Já o velho Epifânio Dias havia encarado a questão sob esse prisma, pois em sua Gramática Elementar não apresentava o grau junto com o número e o gênero, mas na parte da formação de palavras, junto com a derivação. Isso quer dizer que casinha e lindíssimo não são flexões de casa e lindo, mas palavras derivadas, que têm tanto direito de entrada na macro-estrutura dos dicionários como caseiro e lindamente.

No quadro comparativo vamos examinar as características da micro-estrutura e da macro-estrutura.<sup>6</sup>

As locuções e provérbios aparecem ora na micro ora na macro-estrutura.

Na micro-estrutura consideraremos a transcrição fonética, a etimologia, a datação, os níveis de linguagem, a frequência, a analogia, o enciclopedismo, as ilustrações, os exemplos.

Mais algumas palavras sobre enciclopedismo e depois algumas considerações sobre as ilustrações.

Nossos estudantes, e enfim todos os estudiosos, precisam acostumar-se a ir à fonte certa. Se desejam um esclarecimento sobre língua, devem consultar um dicionário de língua; caso queiram uma informação sobre conteúdo, devem procurar uma enciclopédia ou obras especializadas. Também se distinguem um Dicionário de Música e um Dicionário de Termos de Música. O primeiro é um dicionário técnico, e explicará o que é sustenido, partitura, contraponto, etc. sem se preocupar com noções gramaticais. O segundo é um dicionário de língua, que dará todas as informações possíveis a respeito do signo-denominante, com definições também, naturalmente, mas apenas o necessário para a compreensão do sentido da palavra.

O dicionário de Simões da Fonseca, remodelado e aumentado por João Ribeiro em 1926, trazia expressamente o título de Dicionário Enciclopédico Ilustrado, e com razão, porquanto incluía não somente uma quantidade considerável de nomes de pessoas e nomes geográficos, senão ainda muitas explicações enciclopédicas.

Fórmulas matemática, físicas e químicas enfeitam ainda os mais modernos de nossos dicionários. Existem até informações científicas e históricas muito interessantes, mas que são descabidas num dicionário de língua. Depois da definição de ganso, lê-se num deles:

"Os gansos verdadeiros são migratórios. A espécie precursora da doméstica é o

Anser anser L., do N. da Ásia e da Europa. Os remígios do ganso foram utilizados para escrever, antes do uso de penas metálicas."

O Dictionnaire du français contemporain, o Petit Robert, o Micro Robert são rigorosamente, e apenas, dicionários de língua, sem nenhuma definição enciclopédica, e com abundantes informações seguras sobre a língua francesa.

Não se encontra neles, tampouco, nenhuma ilustração. A fotografia, o desenho, a imagem, não dão idéia do tamanho exato da coisa, e a escala varia constante e enormemente de imagem para imagem; esta pode apresentar casualmente uma característica particular e excepcional, que pode induzir em erro o consulente, fazendo-o atribuir a todos os indivíduos ou objetos da mesma espécie uma característica própria apenas de um deles. Assim não se explica cientificamente a inclusão de imagens no famoso dicionário de Caldas Aulete, que de dois passou a ter cinco volumes, o que por um lado dificulta a consulta e por outro provoca um encarecimento excessivo da obra, não só por causa dos clichês mas também por causa da encadernação, tornando o livro economicamente inacessível a muita gente que precisaria dele.

Na macro-estrutura verificamos a existência ou não de arcaísmos, participios, advérbios em -mente, aumentativos, diminutivos, superlativos, comparativos, morfemas presos (prefixos e sufixos) e palavras estrangeiras.

No quadro que apresentamos a seguir colocamos numa coluna, à esquerda, os pontos observados, e nas quatro colunas seguintes, com os nomes dos dicionários, assinamos com um mais (+) ou um menos (-) a presença ou ausência desses pontos.

Só falta explicar o item sobre analogia. Há dicionários alfabéticos, que dispõem as palavras em ordem alfabética; e há dicionários analógicos, que as agrupam segundo os conceitos que exprimem, de acordo com um plano preestabelecido. O Petit Robert se denomina "alfabético & analógico" porque apresenta as entradas em ordem alfabética, mas na micro-estrutura relaciona as palavras que têm ligações com a da entrada. Assim, em cavalo se encontram corcel, alazão, jumento, crina, relinchar, montaria, coice, hipódromo, rêdea, arreio, freio, ferradura, equitação, cavalgar, trote, galope, etc., etc.

Temos dicionários alfabéticos e dicionários analógicos, mas nenhum que combine as duas orientações, solução simples e muito útil.

#### NOTAS:

1. "Du reste, j'ai apporté dans cet ouvrage le même zèle, la même conscience que dans le précédent. Je l'ai tout entier écrit de ma main" (Fr. Noël, Nouveau dictionnaire français-latin, 1824, VIII + 1044 páginas)
2. Toda a linguagem do dicionário é metalinguagem, uma vez que o signo se refere a si mesmo, e não à coisa denominada. Por isso M<sup>me</sup>. Rey escolheu A Metalinguagem como assunto de sua tese de doutoramento de estado, que já foi publicada.

3. "Chamar-se-ã MACRO-ESTRUTURA o conjunto das entradas ordenadas, sempre submetida a uma leitura vertical parcial por ocasião da localização do objeto da mensagem. ( ) A macro-estrutura é correntemente denominada NOMENCLATURA." (Rey, Étude linguistique, p. 21)
4. Idem, ibidem, pp. 40-1.
5. "Mais homogêneos ainda que os espanhóis são os *dialetos portugueses*. O português pa rece ser a língua mais homogênea do Continente, e nesse aspecto pode comparar-se com o húngaro." (Vidos, Manual de Lingüística românica, Madri, 1963, pp. 304-5)
6. "Chamar-se-ã MICRO-ESTRUTURA o conjunto das informações ordenadas de cada artigo , realizando um programa de informação constante para todos os artigos, e que se lêem horizontalmente após a entrada (a ordem das informações permite, o melhor possível, uma consulta interna)." (Rey, Étude linguistique, p. 21)

QUADRO COMPARATIVO

D I C I O N Á R I O S →		MORAIS	AULETE	NASCENTES	AURÉLIO
transcrição fonética		-	-	+	-
etimologia		±	+	+	+
datação		-	-	-	-
níveis de linguagem		-	-	-	-
frequência		-	-	-	-
analogia		-	-	-	-
enciclopedismo		+	+	-	+
ilustrações		-	+	-	-
EXEMPLOS	de escritores	+	+	-	+
	próprios	-	+	-	+
LOCUÇÕES E PROVÉRBIOS	na micro-estrutura	+	+	-	+
	na macro-estrutura	+	-	-	-
arcaísmos		+	+	-	-
participios		+	+	-	-
advérbios em <u>-mente</u>		+	+	-	-
aumentativos		+	+	-	+
diminutivos		+	+	-	±
superlativos		+	+	-	-
comparativos		+	+	+	+
MORFEMAS PRESOS	prefixos	+	-	-	+
	sufixos	-	-	-	+
palavras estrangeiras		+	-	-	+